



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS**

**A RUA E A TELA: DUAS INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS DE MC ESTUDANTE NOS
VAGÕES DO RIO DE JANEIRO**

Bruno Côrtes Gomes

Rio de Janeiro

2022

BRUNO CÔRTEZ GOMES

**A RUA E A TELA: DUAS INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS DE MC ESTUDANTE NOS
VAGÕES DO RIO DE JANEIRO**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/ Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Pires

Rio de Janeiro

2022

CIP – Catalogação na Publicação

GG633r Gomes, Bruno Córtes
A rua e a tela: Duas intervenções artísticas de MC
Estudante nos vagões do Rio de Janeiro / Bruno
Córtes Gomes. -- Rio de Janeiro, 2022.
31 f.

Orientador: Carlos Pires.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Literaturas, 2022.

1. Hip-hop. 2. MC Estudante. 3. Batalhas de
rima. I. Pires, Carlos, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por todos os momentos em que cogitei desistir e sucumbir ao cansaço, às circunstâncias que me desanimavam.

À minha família, que sempre esteve e acreditou no meu processo, independente dos atalhos por que a vida passou no caminho.

Ao Colégio Euclides da Cunha, que me oportunizou a entrada na educação e me motiva, a cada dia, a acreditar que ela pode transformar o outro e a nós mesmos. Agradecimentos particulares a Felipe Vallim, Rafael Vallim, gestores de vidas; à Aline Barbosa, professora-referência na minha formação pessoal e profissional; à Terezinha de Jesus, amiga e principal propulsora da minha trajetória nos momentos mais delicados. Por fim, a toda comunidade escolar que me acolheu com afeto.

Aos professores que pavimentaram o meu caminho até aqui. Nada disso seria possível sem o tato, sem o olhar de todos vocês. Nesse contexto, agradeço imensamente ao professor Carlos Pires, que foi imprescindível no desenvolvimento deste trabalho, sobretudo por toda atenção e dedicação durante o processo de construção desta monografia.

À Letícia, o amor da minha vida, por ter sido escuta e coração.

À Severina, a avó-mãe, e a Elzir, avô-pai, por toda sabedoria compartilhada e amor gratuito. Amo vocês intensamente e eternamente

RESUMO

GOMES, Bruno Côrtes. **A rua e a tela: Duas intervenções artísticas de MC Estudante nos vagões do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, 2021. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

A presente monografia tem por finalidade um estudo de caso de duas intervenções do *rapper* carioca MC Estudante nos vagões do Rio de Janeiro. Levando-se em consideração a trajetória do artista, a partir da observação de rodas culturais intituladas “batalhas de rima”, bem como da relevância que se confere às plataformas de *streaming*, foi realizada, em um primeiro momento, uma caracterização das participações de MC Estudante nesses eventos, principalmente nas “Batalhas do Conhecimento”. Após essa primeira parte introdutória, foram analisadas com maior atenção duas intervenções artísticas de MC Estudante ressaltando as diferentes estratégias que o *rapper* utiliza nos vídeos selecionados. Dessa forma, foram examinados fatores linguísticos, sociais, culturais e artísticos das apresentações. A partir das observações realizadas, a monografia objetivou relacionar o trabalho que MC Estudante desempenha dentro dos coletivos com o “quinto elemento” da cultura *hip-hop*, essa ser um instrumento de transformação e conhecimento. Nesse sentido, espera-se que esta pesquisa contribua para a sedimentação do rap como um gênero musical relacionado ao saber, ao pensamento crítico, à transformação e, portanto, ao conhecimento.

Sumário

INTRODUÇÃO	7
OS TRILHOS: DE MC CARLINHOS A ESTUDANTE	9
TÁ TE INCOMODANDO?	17
CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

INTRODUÇÃO

A música desempenha inúmeros papéis socioculturais e artísticos nos diferentes territórios em que ela circula. A já desgastada discussão em torno do que é ou não “música” pode funcionar como um início para aspectos que serão importantes para este trabalho.

Considera-se, ainda, no senso comum e mesmo dentro de espaços acadêmicos, a música como sendo a reunião de grandes compositores ou músicos, ocidentais na maioria das vezes, cujas obras são mundialmente ou nacionalmente (re)conhecidas. Teperman (2015), no livro *Se liga no som: as transformações do rap no Brasil*, traz essa discussão para um campo que nos interessa aqui:

[...] os livros de música teimam em tratá-la como algo à parte, uma linguagem que viveria isolada na harmonia das esferas, no olimpo dos grandes compositores – seja os da música *clássica*, seja os da tal música *popular*. Nessa perspectiva, os músicos seriam gênios que já nasceram com o *dom*, com mãos de pianista, com muito talento –, privilégios de alguns poucos a quem, por circunstâncias genéticas ou pela graça divina, tivesse sido concedido um ouvido musical. (TEPERMAN, 2015, p.1)

A própria ideia de “música popular” é em boa medida negativa, principalmente quando funciona em seu antigo contraponto com a “música erudita”. No entanto, essa expressão cultural, música popular, carrega fatores que extrapolam essa oposição popular x erudito, que parece ter perdido parte de sua relevância na contemporaneidade. A música popular nas últimas décadas se colocou – e se coloca atualmente – como um interessante campo de conflito em torno da ideia de popular que se redefine praticamente a cada intervenção, isso, ainda, dentro de um espaço poderoso de mercado. Considerando essas disputas, propomos, aqui, um estudo de caso de um artista de rua que se coloca na tradição do *rap* e do *hip-hop*.

No país, a afirmação dessas tendências se deu em um espaço de enfrentamento do popular em diferentes níveis em um terreno muitas vezes permeado pelo preconceito e desigualdade – o popular que emerge nos anos 1980 e 1990 é preto, favelado e fala, principalmente no trabalho que se tornou o mais emblemático do período, *Sobrevivendo no inferno* (1997), dos Racionais MC's, do ponto de vista das penitenciárias brasileiras.

O foco deste trabalho não é rerepresentar a origem do *rap*, ou as diversas teorias a respeito, mas discutir alguns desdobramentos contemporâneos do gênero, que, como veremos, é mais do que um gênero. De maneira bastante sumária, o gênero surgiu nos Estados Unidos, na década de 1970, no bairro do Bronx, cuja ocupação do espaço se dava, majoritariamente, por imigrantes da Jamaica, Porto Rico e Cuba. A construção musical do *rap* teve a influência salutar desse intercâmbio cultural. No Brasil, o estilo musical engendrou-se com os chamados *bailes black*, na segunda metade dos anos 1970, e ganhou um peso decisivo para a cultura nacional nos anos de 1990, sobretudo com os Racionais MC's, MV Bill, Sabotage e outros.

Partindo do pressuposto de que “a música está no mundo” e que deveria ocupar todos os espaços sociais, algo que em certa medida organiza a filosofia *hip-hop*, o ponto aqui é a inserção do *rap* para além desse espaço conquistado na cultura nacional. Por se tratar ainda em muitos momentos de um gênero proveniente de um lugar social marginalizado, o *rap* tornou-se uma face, assim como o *funk*, do estigma fomentado pelas desigualdades sociais no Brasil – e isso, contraditoriamente, virou um espaço institucionalizado na cultura e no mercado nacional e mundial principalmente nas duas últimas décadas¹. Neste trabalho pretendemos investigar espaços de circulação do *rap* ainda pouco contemplados, bem como considerar esses espaços por onde o *rap* transita de maneira física, política e sociocultural por meio de duas intervenções do MC Estudante no transporte público do Rio de Janeiro.

Levando-se em consideração como a distribuição da música se modificou radicalmente ao longo dos últimos anos, é importante considerar o papel das plataformas de *streaming* como *YouTube* e *Spotify*², exemplos decisivos para compreender como acontece a produção e o consumo de música e suas implicações na conformação da cultura contemporânea. Nesse sentido, será construído um breve diálogo com Stephen Witt em seu livro, *Como a música ficou grátis* (2015), para considerar as mudanças recentes nas formas de distribuição da música. No trabalho em questão, as “batalhas de rima” têm um papel decisivo – é no contexto dessas batalhas que o MC Estudante aprende seu ofício. Por isso apresentaremos também brevemente as “batalhas de rima” em sua configuração interna, destacando sua origem, e os tipos de batalhas. Além disso, serão levantados alguns dados biográficos do artista, reconstruindo brevemente sua trajetória na música.

¹ Para além do espaço nacional, o *rap* se tornou a música mais vendida no mundo no começo da década de 2000, superando o rock. Em seu interessante livro, *Como a música ficou grátis* (2015), Stephen Witt apresenta no detalhe como se deu esse processo.

² Essa plataforma de música entrou no Brasil em 2014.

O rapper MC Estudante tem como nome civil Carlos Cardoso. Com 24 anos, é morador de Padre Miguel, bairro da zona oeste do Rio de Janeiro e é um importante nome do rap nacional contemporâneo, especialmente por suas músicas divulgadas e produzidas nos trens da SuperVia. Dentre os inúmeros vídeos em seu canal, iremos analisar os vídeos “Freestyle no vagão, tá te incomodando? Não! (parte 2)” (4min33seg) e “Freestyle no Vagão, tá te incomodando? Sim!” (12min18seg), que ocorreram no período da revogação da Lei Estadual 8.120/2018 que regula as manifestações artísticas dentro de metrô, trens e barcas. Nesse contexto, realizaremos análises comparativas das duas performances, destacando as diferentes maneiras de interação e as estratégias linguísticas e estéticas utilizadas por MC Estudante para afirmar sua arte naquele espaço.

No que se refere à cena do rap e do hip-hop, Afrika Bambaataa, o conhecido fundador da organização *Zulu Nation*, que por meio dos quatro elementos do hip-hop (DJ, MC, break e grafite) procurou combater as violências territoriais entre gangues dos Estados Unidos, acreditava que o “conhecimento” era um “quinto elemento”, cuja finalidade seria “um contraponto à redução do rap a um produto de mercado, reforçando sua potencialidade como instrumento de transformação” (TEPERMAN, 2015, p.15). Na próxima parte, investigaremos as formas como o MC Estudante metaboliza esse quinto elemento no trabalho que realiza nos vagões de trens da SuperVia, no Rio de Janeiro.

OS TRILHOS: DE MC CARLINHOS A ESTUDANTE

Os trens da SuperVia são responsáveis pela locomoção de quase 600 mil pessoas³ por dia no Rio de Janeiro, especialmente as que residem em áreas do subúrbio. A travessia pelos bairros periféricos que desembocam na região central da cidade é uma experiência em que diferentes realidades (co)existem. A esse respeito, refletindo sobre a constituição dos espaços em subúrbios, pequenas, médias e grandes cidades, Milton Santos, em *Pensando o Espaço do Homem* (2012), considera que:

a organização do espaço, onde as cidades médias, esmagadas pela cidade grande e desligadas da sua região, são votadas exclusivamente ao papel de distribuição de serviços, pois sua capacidade de produção não cresce paralelamente à das metrópoles nem à demanda circundante. (SANTOS, 2012, p. 24)

³ Site oficial da concessionária, disponível em: <https://www.supervia.com.br/pt-br/quem-somos?accept-cookies>

A alta movimentação de pessoas nos trens da SuperVia, na cidade do Rio de Janeiro, é indicativa da maneira como a urbanização da cidade do Rio de Janeiro se deu, e da desproporcionalidade de investimentos em bairros suburbanos e cidades próximas. Para boa parte da população residente nesses locais afastados do centro da cidade resta a opção de deslocamento a outros espaços de maior desenvolvimento e, conseqüentemente, com maior demanda de mão de obra. Para entender o espaço, como nos ensina Milton Santos, é preciso pensá-lo politicamente:

Com a mundialização da sociedade, o espaço, tornado global, é um capital comum a toda a humanidade. Entretanto, sua utilização efetiva é reservada àqueles que dispõem de um capital particular. Com isso, a noção de propriedade privada de um bem é reforçada [...] A utilização desse capital comum, o único de que dispõe a humanidade, é seletivo. O espaço construído, a estrutura ecotécnica, é seletivamente utilizado pelos diversos tipos e modalidades de capital. (SANTOS, p.31-32, 2012)

O deslocamento em massa envolve, portanto, fluxos de mão de obra que reproduzem e constituem esse espaço, fluxos que, na cidade do Rio de Janeiro, os serviços da Supervia junto com o MetrôRio têm um papel bastante importante na ligação dos subúrbios e pequenas cidades aos bairros do centro e da Zona Sul do Rio de Janeiro.

Em 2019, o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro tornou inconstitucional a Lei Estadual 8.120/2018 que regulamentava manifestações artísticas nos trens, metrô e barcas. Por um lado, observou-se um menor número de trabalhadores informais nos metrô que, coincidentemente, destinam-se às regiões mais abastadas do estado. Por outro, a quantidade de trabalhadores informais nos trens da Supervia continuou grande. É justamente nesse cenário que o MC Estudante se notabiliza na forma como apresenta sua arte nos vagões.

O rapper iniciou sua trajetória na música frequentando as “batalhas de rima” que, em grande parte, eram confrontos em que MC’s desferiam insultos, provocações, jactâncias entre si ao som de um *beat*. Os MC’s que participam desse “jogo de desafios” são colocados frente a frente em três *rounds*, nos quais cada rapper dispõe de 45 segundos para despejar palavras de escárnio, autoafirmação e, conseqüentemente, depreciação da imagem do oponente. Essa luta dos artistas nesse Coliseu inundado de espectadores sedentos por rimas que descredibilizem o adversário e movidos pelas incitações de um apresentador que os interroga, aos gritos, “O que vocês querem ver?” e, como resposta, recebe a palavra “Sangue!”, é conhecida como “batalhas de sangue”. As batalhas, segundo Teperman, “são uma parte grande da conversa entre esses homens. Provérbios,

frases de efeito, piadas, quase todo tipo de discurso é usado, não com intento de comunicação, mas como armas numa batalha verbal” (TEPERMAN, 2015, p.6).

Vale ressaltar que, para muitos rappers, as batalhas são a principal porta de entrada para serem conhecidos na cena do rap. O papel das plataformas de streaming é fundamental para a distribuição de seus trabalhos em larga escala e “gratuitamente”. Em alusão a Stephen Witt, em *Como a música ficou grátis. O fim de uma indústria, a virada do século e o paciente zero da pirataria*, ao se referir à indústria fonográfica até a primeira década de 2000, que “não estava interessada no streaming. Estava casada com o CD, na saúde e na doença.” (WITT, 2015, p.54), é possível perceber que a inserção no universo da música não era tão simples como é atualmente com as plataformas de streaming. No livro, Witt descreve uma situação na qual um poderoso executivo da indústria fonográfica, Doug Morris, visualizava possibilidades lucrativas com jovens rappers:

Não havia muitos executivos nas gravadoras interessados em gastar tanto dinheiro por uma participação minoritária nos lucros gerados por rappers inexperientes que, muitas vezes, ninguém conseguia entender e que até pouco tempo gravavam os álbuns na cozinha de Mannie Fresh. Contudo, depois de anos perseguindo o receptor de pedidos Morris havia aprendido que sucesso regional não existia. O que existia eram apenas sucessos globais precisando de divulgação. (WITT, 2015, p. 77)

Considerando a evolução da tecnologia, bem como a emergência recente das plataformas de streaming, a leitura de Morris é plausível para as batalhas de rima. Os jovens que se propõem a participar desse tipo de evento cultural, sobretudo em rodas culturais conhecidas, têm a esperança de que sejam vistos por milhões de pessoas e de forma “gratuita” na tela. As espas em gratuitas não são nem um pouco arbitrarias, tendo em vista que a indústria fonográfica conseguiu se aproveitar da magnitude midiática que as plataformas de *streaming* se tornaram para continuar fazendo a máquina lucrativa girar de forma ainda mais acelerada. Isso porque, atualmente, o consumidor “aluga” um serviço que cataloga um número absurdo de álbuns que podem ser acessados a qualquer momento e em qualquer lugar. Ou seja, mesmo que a distribuição, a promoção, a divulgação da arte não ocorra de forma gratuita, como foi em muitos momentos com o mp3 como Witt mostra em seu livro, as batalhas são um eixo relevante na passagem de um “sucesso regional” para um “sucesso nacional” e, quiçá, “global”, uma vez que uma simples aparição pode alavancar diversas oportunidades rentáveis a esses aspirantes a ícones do rap. MC Estudante, assim como todos os jovens rappers que visualizam nas batalhas uma oportunidade ímpar, construiu sua trajetória fora da grande indústria da música, no *underground*, por meio do talento mostrado em seus improvisos poéticos.

Existem diversas batalhas espalhadas, cada qual com suas especificidades. No Rio de Janeiro, vários artistas como MC Orochi, MC Choice, Xamã e, ainda, MC Estudante ficaram muito conhecidos por meio da “Batalha do Tanque”, uma famosa roda cultural de São Gonçalo. MC Estudante, outrora chamado de “MC Carlinhos”, recebeu tal alcunha pois, ao frequentar as batalhas de que participava, surgia com o uniforme da escola. Além disso, em suas performances, o rapper se utilizava de rimas voltadas às matérias escolares, como Matemática, Física, História⁴. Em diversas apresentações, o artista relaciona os problemas sociais com conceitos matemáticos, estabelecendo uma reflexão a partir dessa estratégia interdisciplinar⁵:

Matemática da vida é sem noção
 Explicação
 Você sempre se pergunta a sua função
 A fim de não cometer engano
 Você marca as suas coordenadas no plano cartesiano
 Né, não, meu mano?
 E você chega ao seu limite
 Tendendo a zero e é por isso que você fica triste

MC Estudante ao mencionar o conteúdo matemático *plano cartesiano*, cuja funcionalidade reside em marcar coordenadas, definir localizações a partir do cruzamento de duas retas perpendiculares, consegue relacioná-lo à noção de *posição*. Com isso, metaforicamente, realiza uma reflexão em torno da concepção do posicionamento do sujeito no mundo. Nesse sentido, quando ele cita que o indivíduo fica triste por “tender a zero”, ao recorrermos de forma objetiva ao plano cartesiano, percebemos que a posição “zero” nada mais é do que o ponto de encontro entre as duas linhas que se cruzam, exatamente no centro. Portanto, elabora uma crítica em torno do posicionamento de um indivíduo que parece estar condicionado ao ponto estático, de inércia, de anulação de si mesmo – possivelmente por variáveis de cunho social que o imobilizam –. MC Estudante parece explicar de forma simbólica tal problemática da posição de um sujeito marginalizado que é levado ao centro do “nada”. Adiante ele explicita uma reflexão acerca do individualismo por meio de outro conteúdo matemático:

⁴ Playlist com vídeos de MC Estudante realizando rimas voltadas à educação: https://www.youtube.com/watch?v=hIPO1h_SZP0&list=PLiUCI-w67iamljXMI8fc2NN3_H1HAC3JL

⁵ Trecho retirado do canal da Batalha do Tanque, no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=1QrWVpplryl>. Texto versificado, nosso grifo.

Situação derivada de uma crise social
 Problemas que enfrentamos já se tornou integral
 Então como é possível ser feliz?
 Se não aprendemos a dividir como se fosse bissetriz

No trecho acima, podemos observar uma construção voltada para a ideia de repartição como uma forma para se chegar à felicidade. Nas performances de MC Estudante nos trens, uma das características presentes em seus improvisos está no uso de referências bíblicas, como recitação de provérbios e salmos conhecidos pelos ouvintes⁶. Com base nessa leitura a partir da hipótese levantada acerca de suas estratégias de rimas com versos religiosos, o rapper vale-se do conceito de bissetriz – cuja função está na divisão de um ângulo – para atribuir a ideia de que a felicidade está imbricada com o ato de “dividir”. Na Bíblia, o maior exemplo desse ponto de vista se encontra em Jesus, quando, a partir de dois pães e dois peixinhos, multiplicou-os e dividiu-os com o povo. Outro exemplo bem conhecido está na divisão do Mar Vermelho, quando Moisés conseguiu a libertação do povo escravizado pelo Faraó.

Por fim, Estudante provoca um pensamento referente a uma autoidentificação, ao processo de existência:

[...]Mas essa luta é num polígono convexo
 Em frente ao espelho quando encaro meu reflexo
 Sabe o que me deixa mais perplexo?
 É que quando eu acho o resultado, é um número complexo [...]

Nesse excerto, podemos notar que Estudante estabelece um pensamento sobre sua própria identidade. Nela, o sujeito luta com sua imagem dentro de um polígono convexo, no qual semirretas são traçadas no interior do próprio polígono. Metaforicamente, para ser um polígono convexo, deve haver uma ligação entre os pontos no seu interior, assim como o sujeito que encara seu próprio reflexo e enfrenta esse conflito dentro de si. O resultado da ligação das semirretas dentro desse polígono convexo é um “número complexo”, configurando, portanto, um pleonasma em relação às complexidades contidas no ser humano, ou até mesmo às complexidades da vida.

É possível observar nas referências de conteúdos matemáticos, trabalhados pelo artista no trecho acima, a relação dos significados dos termos utilizados como *plano cartesiano*, *bissetriz*, *Fórmula de Bháskara*, *polígono convexo*, *números complexos*, em um plano metafórico, com a

⁶ Como exemplo, assistir vídeo intitulado “Freestyle bíblico”: <https://www.youtube.com/watch?v=ASL1rk9N7lg>

vida e as suas dificuldades. A partir desses processos de metaforizações, pode-se estabelecer relações contíguas entre o que se diz e o que se pretende dizer: o plano cartesiano com a posição de um sujeito no mundo; a concepção de repartição com a figura da bissetriz; autoidentificação com a ideia de polígono convexo e os números complexos redundantemente com as complexidades da vida. Tudo isso construído por metáforas matemáticas que remontam a problemas sociais e subjetivos através do *freestyle*, a arte do improvisado.

A crítica social e a reflexão em torno do sistema são muito frequentes nas rimas de MC Estudante em suas apresentações. Nesse sentido, as participações do rapper nas Batalhas de Sangue podem ter sido menos apreciadas em comparação a outros MC 's que atingiam seu adversário de forma mais explícita e agressiva. Tendo em vista as habilidades de MC Estudante em relacionar ao seu “flow”, ou seja, a sua “levada”, elementos voltados ao “conhecimento”, é que se torna relevante salientar as participações do artista em outro tipo de batalha: as “Batalhas do Conhecimento”.

Diferentemente das “Batalhas de Sangue”, as “Batalhas do Conhecimento” têm por objetivo propor um duelo de ideias entre os MC's. Fundada pelo rapper MC Marechal, essa modalidade não mais nutre a finalidade de “matar” o adversário com, muitas vezes, jactâncias. Um quadro com diversas palavras pré-definidas é disponibilizado a partir das quais os rappers precisam desenvolver rimas que passem uma mensagem de reflexão em dois rounds de 45 segundos. Os temas mais comuns nesse tipo de batalha são relacionados à educação, à saúde, à violência – às vulnerabilidades enfrentadas pela maior parte dos *rappers*. No documentário *O RAP PELO RAP*⁷, dirigido por Pedro Fávero, que propõe uma reflexão sobre o panorama do hip-hop e, conseqüentemente, do rap no Brasil, é apresentado relatos de diversos personagens da cena, dentre eles MC Marechal. Em um trecho presente no longa-metragem, o rapper cantava sua música “Griot” e um trecho dela faz menção a essa sua criação, a Batalha do Conhecimento, ao mesmo tempo que tece críticas às Batalhas de Sangue: “E eles dizem que eu sou louco, ainda acredito em movimento/Mais que gravar, quero semear algo de valor pro tempo/ Mas a pista é São Tomé Marecha, a pista é que é exemplo/As batalhas falavam merda, eu fiz a do conhecimento”. Como é possível observar nos versos da canção, no lugar reservado à “gastação” – conceito recente atribuído ao ato de “zoar”, caçoar”, a “falar merda” –, Marechal arquiteta um formato que dialoga sobretudo com o “quinto elemento”.

⁷ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mt7S6YkosPc>

O papel da plateia nesse formato adotado pelas Batalhas do Conhecimento é diferente em relação ao das Batalhas de Sangue: enquanto nestas, o público se move a partir dos ataques desferidos ao oponente, naquelas, os ouvintes avaliam a forma com a qual os MC's elaboram as rimas em torno das palavras escolhidas previamente pela própria plateia. A partir dessa configuração observada nas Batalhas do Conhecimento, é importante salientar que “quando Afrika Bambaataa defende a importância do “quinto elemento” no *hip-hop*, o conhecimento, sua preocupação é chamar atenção para o fato de que a música deve ser um instrumento de transformação.” (TEPERMAN, 2015, p.54).

Em seu canal do YouTube, na aba “Sobre” – dentro da qual os usuários da plataforma criam uma descrição em relação às suas atividades –, MC Estudante cita que foi vencedor de cinco edições da Batalha do Conhecimento. Em 2015, o evento ocorreu no Museu de Arte do Rio, um espaço designado à propagação do conhecimento, que inclusive tem promovido projetos que discutem pluralidade e representatividade. O artista, nessa oportunidade, chegou à final com o MC Vidal⁸, levando o prêmio de 5 mil reais e o troféu. No primeiro round, foram escritas as palavras: *amizade, ego, lealdade e grafitti*. Já no segundo, as palavras eram *herança, prosperidade, Mariana e loucura*. Verificando as palavras escolhidas em ambos os rounds, pode-se perceber maior inclinação a substantivos abstratos que provocariam aos MC's um fator subjetivo em torno das rimas. No entanto, atentando-nos às palavras do segundo round, ao escolherem “Mariana” – local em que ocorrera o rompimento de uma barragem em Minas Gerais –, os MC's teriam de construir explicitamente um pensamento crítico em torno do assunto. MC Estudante, em seu momento de rimar, canta:

Atenção na lama de Minas Gerais
 Mas não esqueça a areia movediça lá na Petrobrás
 Porque, parceiro, “nego” pensa em Mariana
 Enquanto o Brasil “tá” se afundando nessa lama

O rapper monta seu improviso chamando a atenção para o problema que havia comovido o país decorrente da negligência de um grupo empresarial. Porém, mesmo que tenha alertado às pessoas sobre a tragédia, MC Estudante organiza suas críticas a partir da metáfora da “lama”, mais especificamente de uma “areia movediça” que, além de afundar uma cidade literalmente devido ao

⁸ Trechos retirados do vídeo com link <https://www.youtube.com/watch?v=zYQQZpr8SWs>. Texto versificado, grifo nosso.

descaso, também mergulha o Brasil em problemas difíceis de reverter. Ou seja, para além das tragédias que não se podem relativizar, é preciso estar atento às inúmeras lamas em que diariamente o país é submerso, sobretudo no que se refere aos casos de corrupção veiculados. Na segunda parte do seu “improvisado”, o MC, ao desenvolver a respeito dos vocábulos “herança” e “prosperidade”, cita sua mãe – que ao que tudo indica na fala do artista, estava assistindo à apresentação:

[...] herança é o meu irmão, minha família
 A minha mãe tá aqui de verdade
 E é por isso que eu quero ter a prosperidade
 Desculpa pelos futuro que eu não pude te dar
 Seu primogênito, imaturo, não se tornou militar
 Conheci roda de rima quando devia estudar
 Microfone e batida é meu modo de batalhar
 Mas tá tranquilo, ela cumpriu o papel
 Juntou cada centavo que ganhava na Embratel
 A mulher da minha vida mora em Padre Miguel
 Com 1,53cm ela me fez chegar no céu

Nota-se no trecho do segundo round a relevância que a cultura *hip-hop* desempenhou na vida de MC Estudante. Vale ressaltar uma pequena observação desse dado biográfico inserido pelo próprio artista quando se referiu ao militarismo pois, em matéria divulgada recentemente na Revista Carta Capital, o rapper afirmou que fora aprovado em diversos concursos na área militar, dentre eles a EPCAr (Escola Preparatória de Cadetes do Ar). Contudo, como ele possuía um grau de miopia bastante elevado, não poderia seguir a sonhada carreira de piloto de avião⁹. Nesse sentido, foi através do “microfone” e da “batida” nas rodas de rima que o MC encontrou o modo de lutar tanto nas batalhas de rima como nas batalhas da vida. Em resumo, através do rap, como dito por ele após o discurso de vitória na Batalha do Conhecimento:

[...] pode crer, mãe
 Com os 5 mil reais nossa obra vai ser feita
 Aquela que tu pensou que nunca fosse acontecer
 Tu tem que entender que esse sustento saiu do R.A.P
 Então deixa o menino ser feliz em cima do beat [...]

⁹ Informações retiradas de matéria realizada pela “Revista Carta Capital” em 16/01/22. Link disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/cultura/fazia-rima-no-trem-para-comer-hoje-nao-preciso-mais-gracas-a-deus/>>

Levando-se em consideração esse plano de fundo das batalhas de rima, nas quais MC Estudante pavimentou sua estrada no rap, é que poderemos desviar o trajeto para os trilhos do trem da SuperVia. No próximo capítulo, investigaremos as duas intervenções artísticas de MC Estudante nos trens para caracterizar e refletir sobre o funcionamento e a dinâmica do trabalho do rapper nos coletivos.

TÁ TE INCOMODANDO?

MC Estudante, que iniciou seu trabalho nos vagões em 2018, já havia se lançado no mundo da música fazendo *freestyle* – a arte do improviso – aos 12 anos de idade. Por meio da sua grande capacidade de criar rimas na hora, como já vimos anteriormente, participou de batalhas de MC, sendo vencedor em cinco edições da Batalha do Conhecimento. O rapper levava a arte do improviso aos trens da Supervia, quando foi filmado por um passageiro do Mato Grosso do Sul que veio passar férias no Rio de Janeiro. Em vídeo postado no Facebook, em 10 de agosto de 2018¹⁰, o rapaz escreveu a seguinte legenda: “Encontrei essa figura hoje no trem em Nilópolis. MC Estudante, rei da improvisação com muita educação.” O vídeo recebeu 15 milhões de visualizações e viralizou nas redes sociais. O papel da internet e o uso das redes sociais como um meio de distribuição de seu trabalho foram, então, decisivos para a sedimentação do trabalho do rapper, que atualmente conta com mais de 35 milhões de visualizações no YouTube.

A trajetória de MC Estudante dispôs de uma relevante parceria com um dos artistas mais conhecidos dentro e fora do mercado do *rap*: Xamã. A dupla criou um vínculo tão marcante que, nos vídeos do YouTube de músicas nas quais os dois cantam, o nome artístico encontra-se sob a composição “Xamã Estudante”. Contudo, Xamã trilhou um caminho diferente de MC Estudante. Em entrevista recente ao podcast “Aldeia Cast”¹¹, MC Estudante contou que a ruptura ocorreu de forma súbita, fazendo com que ele perdesse a motivação para a música, decidindo voltar a estudar e abandonar o *rap*. Além disso, há um relato de que ele e Xamã sofreram um golpe de um empresário que administrava a conta que a dupla tinha no YouTube. Com isso, a monetização das visualizações se direcionava para o empresário, sem o repasse aos músicos. Pode-se levantar a hipótese que, devido a esse imbróglio, os caminhos dos artistas em relação à indústria fonográfica tenham tomado rumos distintos.

¹⁰ Vídeo disponível através do link: <<https://www.facebook.com/felipe.guimaraes.58511/posts/1784155878372770>>

¹¹ Entrevista encontrada no link <<https://www.youtube.com/watch?v=zELAmLMXbg&t=17s>>.

Xamã desenvolveu a sua carreira com parcerias mais mercadológicas, como a Pineapple, que promoveu a entrada do “Poesia Acústica” – formato de produção musical que reúne os principais artistas da cena do *rap*¹² – e tornou-se uma figura presente nas maiores plataformas de streaming, que são atualmente as vias centrais para o consumo e distribuição de músicas. Já MC Estudante, com um hiato considerável na sua produção musical, encontrou, nos espaços do trem, a caixa de ressonância necessária para voltar à cena. O trabalho nos vagões, somado às participações nas batalhas, nas quais o *rapper* tecia rimas voltadas à educação, renderam-lhe convites para participar de eventos em escolas, a fim de levar motivação aos alunos para estudarem. O MC também foi chamado para “improvisar” na propaganda da administradora de cartões “Stone”¹³, focando na interação com os vendedores, mimetizando o que realiza dentro dos trens. E mais recentemente, junto com os cantores Vitor Kley e Lourena, participou de uma propaganda do novo Ensino Médio integral, com a canção “Sou um Zé Alguém”¹⁴. Observando os percursos, percebe-se que MC Estudante se destaca pelo que desenvolve dentro dos vagões e nas batalhas de rima, ou seja, um caminho com holofotes mais modestos se comparados aos da trajetória de Xamã, que se tornou um ícone do *rap* nacional e também da música *pop*.

Para quem mora em áreas do subúrbio, os trens desempenham um papel fundamental para o deslocamento ao centro da cidade do Rio de Janeiro, bem como aos locais de integração com o metrô – que se destina à Zona Sul. Se considerarmos os principais pontos culturais da cidade do Rio de Janeiro, pode-se concluir que eles estão especialmente na região central e, sob uma ótica turística, nota-se um grande apelo da Zona Sul para a cidade. Analisando o espaço como um lugar, em teoria, socialmente compartilhado, pode-se refletir que “segundo H. Lefèbvre (1974, p. 121), “a forma do espaço social é o encontro, a reunião, a simultaneidade”, enquanto “o espaço-natureza justapõe, dispersa” (apud SANTOS, 2012, p. 32). Porém, Milton Santos (2012), relativiza essa ideia de confluência levantada por Lefèbvre:

Se o espaço nada mais fosse que a forma física, isso seria totalmente verdadeiro; mas o espaço social distingue-se das formas vazias pelo próprio fato de sua cumplicidade com a estrutura social. Eis porque, com o desenvolvimento das forças produtivas e a extensão da divisão do trabalho, o espaço é manipulado para aprofundar as diferenças de classes. Essa mesma evolução acarreta um movimento aparentemente paradoxal: o espaço que une e que separa os homens. (SANTOS, 2012, p. 32)

¹² Atualmente, o projeto “Poesia Acústica” tem investido em nomes relacionados a outros gêneros musicais como Ludmilla, MC Poze do Rodo, representantes do *funk*.

¹³ Link da música disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=QFwC6sInVmo&t=50s> >

¹⁴ Link da música disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=47vG_pLryjE >

A contradição baseada nessa noção de um espaço que unifica e dispersa converge com a problemática levantada por Teperman ao relacionar o “espaço social” da cidade de São Paulo que se desenvolve para atender as transformações da sociedade e da cultura. Vale lembrar que a manipulação tanto do espaço físico, quanto do espaço social traz à superfície sintomaticamente as desigualdades observadas frequentemente no Brasil. No entanto, esses dois polos, a sociedade e a cultura, através do caráter catalisador do *rap*, tendem a estreitar o vão nesse espaço paradoxal:

Um vício costuma perturbar os discursos sobre a cultura: a suposição de que o centro tem aquilo que falta à periferia. Ou ainda, que existe produção cultural no centro e que esta tende a se diluir quanto mais se afasta dele. Quando consideramos experiências com a do rap, essa suposição cai por terra: as categorias centro e periferia se confundem. Na segunda metade dos anos 1980, os moradores dos bairros mais afastados de São Paulo iam ao metrô de São Bento não para “entrar em contato com a cultura produzida no centro”, mas para serem eles mesmos produtores de conhecimento. (TEPERMAN, 2015, p.87)

Recuperando um trecho do capítulo anterior em que MC Estudante estabelece uma metáfora do plano cartesiano com a vida, o fato de “tender a zero”, ou seja, estar no centro, leva à tristeza o sujeito ao qual ele se refere dentro desse contexto. Sob a égide da cultura *hip-hop*, Estudante traça o curso do “marginal”, do “periférico”, que carrega em si a sua arte, independentemente de sua posição geográfica, ou localização dentro de um espaço paradoxal que “aproxima e aparta”. É através desse deslocamento centro-margem/, margem/centro, que MC Estudante desenvolve suas rimas e sua arte.

O nome de MC Estudante nos trens da SuperVia, como já dito, ganhou ressonância depois que o vídeo do passageiro viralizou nas redes. A partir disso, o rapper deu início a um projeto em que se transformou no seu próprio produtor, precisando apenas de uma câmera de celular que o guia a todos os pontos do trem, um artista que toque qualquer música que servirá como a base de seu improviso e, por fim, o *freestyle*. Com esses elementos em consonância, ele cria uma atmosfera que explora o espaço do fluxo e todos contidos nele ou fora dele: passageiros, comerciantes, trabalhadores da concessionária, as estações pelas quais os trens transitam, os espectadores que assistem via internet. Com base em dois vídeos intitulados “MC Estudante – *Freestyle* no vagão, tá te incomodando? Não (parte 2)”, publicado em 26 de agosto de 2019¹⁵ e “*Freestyle* no vagão, tá te incomodando?, Sim”, disponibilizado em 19 de dezembro de 2019¹⁶, que contam,

¹⁵ Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Hzevhc4Wiy4>>

¹⁶ Vídeo disponível para acesso em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JWNhOs8cAJ4>>

respectivamente, com 3,2 milhões e 1,4 milhões de visualizações, é que a análise sobre a atuação de MC Estudante nos coletivos se desdobrará.

A comparação já pode ser estabelecida por meio dos títulos que estão situados em um contexto de censura a manifestações artísticas nos trens, metrô e barcas devido à revogação da Lei Estadual 8.120/2018, que havia concedido a permissão para as apresentações nesses espaços. A crítica contida na pergunta “tá te incomodando” carrega em si uma ironia quase que pueril ao Estado, mas também dialoga de forma racional com interlocutores *in loco* – os passageiros –, ou *in absentia* – os telespectadores. No primeiro vídeo, MC Estudante cria suas rimas sob um viés de afirmação e validação de sua arte; no segundo, o artista desenvolve suas improvisações com um tom mais abrupto, com rimas de denúncia não só à censura, mas também às problemáticas sociais.

A escolha por canções populares que servem de base para a elaboração das rimas é uma estratégia interessante, pois instaura uma espécie de *sample* (amostra) – que pode ser desde um trecho de uma canção já existente, até um som de piano isolado, barulhos de trens etc. – que só introduz a parte principal: o desenvolvimento do rap. O primeiro vídeo se inicia com a música “O Sol”, de Vitor Kley, que prepara as rimas de Estudante. Para entender o seu objetivo, é preciso levar em consideração a interação que o artista estabelece com os passageiros bem como a construção linguística por meio das palavras que são encadeadas de modo a conduzir a resposta do interlocutor:

Quem foi, vai, vai
 Quem for descer na próxima estação
 Sai, sai, sai
 Que eu continuo mandando o improviso
 Cê sabe que nessa base eu deslizo
 Mandando a improvisação
 Encontrei com mais um irmão
 Que salve a cultura rap
 Com cabelo pro alto da cultura black [...]

No trecho acima, MC Estudante inicia sua performance retomando a frase da música “sampleada” utilizando os verbos “ir” e “sair”, que fazem parte do refrão da canção original. Essa performance, como ficará claro na descrição, tem como objetivo “ganhar” os passageiros para a sua arte. Em seguida, há a primeira interação com um passageiro no trem que se constrói a partir da identificação com ele. No caso, Estudante se dirige a um homem negro com um cabelo mais arrepiado, “com o

cabelo pro alto”, mas que reforça uma semelhança não só físico-visual, como também uma identidade cultural que se esboça por meio do cabelo “black”, símbolo de resistência e da luta do povo negro.

Examinar a postura do passageiro no momento da aproximação do *rapper* é extremamente relevante para compreender a atuação de MC Estudante na construção de suas rimas bem como de suas intencionalidades. Antes de elaborar as rimas citadas no trecho acima, o passageiro se encontra manipulando o celular. Depois disso, o rapaz cruza os braços, sugerindo um ar de constrangimento, que logo se esvai à medida que MC Estudante, de uma maneira leve e descontraída, ultrapassa a primeira barreira ao enaltecer os cabelos do rapaz, dando lugar a um sorriso encabulado, e a um balançando da cabeça no ritmo da música:

Figura 01: Estudante interagindo com passageiro



Fonte: Canal do Estudante - YouTube

Figura 02: Estudante interagindo com passageiro sorrindo



Fonte: Canal do Estudante - YouTube

O olhar do passageiro ao qual Estudante se dirigiu, no entanto, permaneceu o tempo todo voltado ao chão, demonstrando ao artista que ele precisaria, ainda, quebrar algumas barreiras para conseguir sua aprovação, e o saldo positivo da performance. Esse acanhamento possivelmente ocorreu, ou foi potencializado, pela presença de uma câmera que registrava a performance que funciona como uma interface daqueles que participam dentro do vagão com os que participam por meio de uma conhecida rede social acessando o vídeo, já que MC Estudante também se comunica com esse outro interlocutor pelas redes sociais – o outro foco da performance.

O rapper continua sua apresentação interagindo com outro passageiro, porém estabelecendo uma aproximação com ele pela ausência das características anteriormente destacadas. As interações, portanto, acontecem não somente através das similaridades, mas também se dão por meio de formulações antitéticas conectadas pela conjunção adversativa “**mas**”:

Figura 03: Passageiro acenando com a mão para a câmera



Fonte: Canal do Estudante - YouTube

É o Estudante que tá confiante
 Eu sei que eu tenho cabelo grande
Mas penso em fazer igual esse rapaz
 É dos careca que elas gostam mais
 Por isso que eu penso em cortar o meu cabelo
 Pra ver se o meu estilo fica um pouco mais maneiro

Depois de entreter os passageiros criando um vínculo a partir do reconhecimento (ou não) com eles por meio do cabelo, MC Estudante inicia a condução das palavras aos trilhos que levam ao seu objetivo principal, que é a validação da sua arte pelos olhos e ouvidos que, supostamente, são incomodados. Observando com atenção a maneira com a qual o MC constrói o caminho para resposta que ele deseja escutar, é possível notar três fatores fundamentais: *a) reconhecimento; b) responsividade; c) legitimação*. A partir da reação que a pessoa esteja demonstrando no momento da interação, MC Estudante conduz o interlocutor ao ponto-chave de seu *freestyle*. A interação com o outro ocorre no plano da brincadeira, que tem como horizonte a legitimação do seu trabalho de artista de rua. Depois de estabelecer esse primeiro contato com esses dois passageiros, é interessante destacar a capacidade de percepção do artista nos movimentos dos outros viajantes. Enquanto ele desenvolvia os versos, um terceiro rapaz com cabelos longos dançava com as mãos e com a cabeça no ritmo da batida. Nesse momento, MC Estudante o escolhe para, enfim, construir as rimas que levará o ouvinte à resposta de seu questionamento:

Tá ligado que é tudo de improviso
 Ahn, nessa base eu deslizo
 E você me responde uma questão
 Isso aqui tá te incomodando?
 (passageiro) – Não!

A condução para a resposta da pergunta que confere título ao vídeo é formulada com base no verso que termina com a palavra “questão”, que contém a nasal **-ão**, e produz uma circunstância quase

irreversível no campo linguístico ao passageiro que, diante das suas possíveis soluções à pergunta feita por MC Estudante, recorre à resposta que, além do campo semântico, precisa se adequar rítmica e sonoramente à pergunta lançada: *Não*. Na esteira do vídeo, MC Estudante reitera essa estratégia inúmeras vezes, ou esse é o ponto chave da sua performance pois é o momento em que o público legitima seu trabalho naquele espaço. O MC, então, assinala essa primeira vitória: Ah, o primeiro já foi / Na moral, meu amigo, oi [...].

Vale a investigação de como os versos do MC estão estruturados. Segundo Teperman, “um verso de *rap* é produto de um tipo de ritmo (aquele da linguagem) sendo ajustado a outro (o da música) – algo como uma levada da fala, uma fala cadenciada, ritmada” (TEPERMAN, 2015, p.33), portanto é preciso levar em consideração os elementos que compõem a performance do rapper, sobretudo a relevância dos músicos. Para marcar o ritmo de uma canção, os instrumentos de percussão são fundamentais, pois eles guiam, conduzem, ditam a cadência tanto dos instrumentistas quanto dos intérpretes. No vídeo, é possível notar a presença de um rapaz manipulando um cajón, instrumento que possui uma caixa acústica que mimetiza, nas laterais superiores, o som de uma caixa – responsável por ditar o ritmo –, e o som do bumbo quando tocado na região central do tampo.

No início da apresentação, o percussionista brinca com o ritmo, desenvolvendo uma “levada” mais solta sob a base melódica do violão. No momento em que o Estudante surge com a improvisação, o músico já estabelece um ritmo mais estável, marcando com mais regularidade os tempos fortes da canção pela “caixa” do cajón - as sílabas poéticas acentuadas, então, jogam com esses tempos. O jogo poético acontece nas formas como os versos deslizam, aceleram ou são “segurados” para que os tempos fortes dos versos coincidam ou não com o acento do instrumento percussivo, isso explorando muitas vezes o segundo acento forte dos versos por meio de rimas internas. Nesse sentido, pode-se dizer que existe um deslizamento “na base” a partir de construções longas, com um *flow* swingado em que a maioria dos acentos tônicos recai sobre a penúltima sílaba que funciona como uma tônica final. O verso “Tá ligado **que é** tudo de **improvis**o”, por exemplo, consome um tempo significativo em sua elaboração, com a exploração de subtônicas (marcadas com *underline*) que faz com que esse verso aconteça em um andamento quase ternário, mais quebrado, na verdade, que muda completamente o *flow* dos dois versos anteriores que exploram quatro acentos nas duas batidas do cajón (marcado com vermelho):

Por isso que eu **pen**so em **cort**ar o meu **cabel**o
 pra **ver** se meu **est**ilo fica um **pouco** mais **mane**iro

Essa estrutura contrasta com o ritmo “ternário” do verso seguinte que “segura”, ralenta, o *flow* no mesmo momento em que se dirige aos interlocutores, “Tá ligado”, e chama atenção para o seu artesanato em processo, “que é tudo de improvisado” e:

Ahn [____] nessa base eu deslizo

Esse verso continua chamando atenção para a sua própria elaboração por meio de uma interjeição, cortada pelo cajón, que ocupa o que seria a primeira parte da estrutura, enquanto a segunda cria, nesse contraste, um efeito de deslizamento enquanto, no plano semântico, é justamente isso que acontece. A lacuna da interjeição é preenchida pelo tempo da marcação do cajón que prepara o momento chave da improvisação. Essa estrutura recupera em alguma medida o verso mais “quebrado” que começa com o “Tá ligado”:

E você me res-ponde uma questão

A pergunta crucial para o jogo instaurado com o público do trem e os internautas é assim preparada com uma acentuação próxima a que ocorre no último verso “Isso aqui tá te incomodando?”. O cajón, no entanto, desloca o acento para “preparar” a resposta do interlocutor que já tinha sido armada no verso anterior pela coincidência entre a última tônica com a marcação do cajón (questão). Sobra ao passageiro que foi colocado na improvisação por meio da pergunta lançada a ele, reforçada por um leve toque de mão do Estudante, preencher a lacuna deixada propositalmente pelo MC e pelos músicos. A resposta a se “isso aqui [o improvisado] tá te incomodando?” dará nesse jogo a legitimação do trabalho do MC, que precisa acontecer nessa métrica e ritmo do verso e acentuação da música.

Para compor um espaço lexical e conseqüentemente rítmico, que teve o “tempo ultrapassado” pela quantidade de palavras utilizadas no primeiro verso, Estudante utiliza um recurso sonoro, “Ahn”, seguido da seguinte notação “[____]” que denota uma lacuna preenchida pelo tempo da marcação do cajón. Agora, vejamos uma outra estrofe em que desenvolve sua levada, só que de uma forma diferente:

[...]Eu trabalho no vagão,
 Passo o chapéu pra fazer cifraão
 Eu não tô rico, não tenho um milhão
 Tá te incomodando? [____]
 (Passageiro e Estudante) – Não!

Percebe-se, nesse trecho, um andamento mais regular e menos “deslizante” em relação ao analisado anteriormente. As subtônicas, em *underline*, são arquitetadas nos primeiro e terceiro tempos, enquanto as tônicas que coincidem com o tempo forte marcado pela caixa do cajón e demarcadas em vermelho são forjadas nos segundo e quarto tempos. Nesse sentido, MC Estudante faz uso de uma versificação mais fixa, porém esse mecanismo não ocorre de modo arbitrário. A cadência que se constrói dentro de um ritmo “quaternário” está atrelado à intenção de MC Estudante em explicar, minuciosamente, as razões pelas quais sua arte é relevante, uma vez que ele “trabalha no vagão para fazer cifrão”. Vale notar o jogo gestual que o rapper realiza com as mãos, de modo a enumerar, nos dedos, os porquês que validam o seu trabalho. Esse momento é interessante, pois o artista escande os versos, como já foi mencionado, de forma mais “quadrada”, denotando um teor mais didático, marcando com regularidade as tônicas. Nesse sentido, a gestualização transcorre sob os versos de modo regular:

Figura 04: Estudante interagindo com o passageiro.



Fonte: Canal do Estudante - YouTube

Figura 05: Estudante interagindo usando as mãos



Fonte: Canal do Estudante - YouTube

Mais uma vez, MC Estudante observa a responsividade de seu interlocutor, que “acompanha o ritmo com a mão”, para em seguida conduzir as rimas através das palavras “vagão”, **cifrão** e “**milhão**”, a fim de alcançar a afirmação para a sua arte e, ao mesmo tempo, uma negação com teor crítico à proibição ao seu trabalho: “*Não!*”.

O jogo, a brincadeira e a interação lúdica que se dão no meio da apresentação são extremamente importantes, além de desempenharem um papel de elo entre o MC e os passageiros. Compreender aquilo que o MC objetiva como resposta é fundamental para a performance. No trecho analisado acima, “**Tá** te incomodando? [__]/ – **Não!** (Passageiro e Estudante)”, há a mesma configuração interacional em relação à estrofe em que ele “deslizava” nos versos. A lacuna que se coloca entre a resposta esperada e o tempo forte do cajón para dar continuidade ao ritmo teve um pequeno *delay*, ou atraso, na verbalização do passageiro, que por sua vez, antes de falar, balança os dedos equivalente a um pêndulo de um relógio, simbolizando o “não”:

Figura 06: Passageiro gesticulando negativamente



Fonte: Canal do Estudante - YouTube

O gesto do passageiro, que precedeu a resposta, implicaria na “quebra” do ritmo, bem como do preenchimento da tônica “não”, fechando o compasso e a estrofe. Por essa razão, Estudante percebendo a possível ruptura no seu jogo verbal, fala simultaneamente com o passageiro a resposta desejada, garantindo, portanto, o andamento de sua apresentação e dizendo logo em seguida: “Ah, mais um, é comum”.

O vídeo “Isso aqui tá te incomodando? Não!” se caracteriza pela ludicidade que dita o tom de validação do trabalho do MC. Assim como foi possível observar nas interações com os passageiros, Estudante burla o constrangimento com a leveza de rimas que rompem os obstáculos que impeçam o público de entrar no jogo. Toda performance compõe uma crítica que, no entanto, realiza-se de forma indireta. Em paralelo, a outra atuação no trem sob o título “Isso aqui tá te incomodando? Sim” mimetiza, em um primeiro momento, a estratégia de se dirigir ao público por meio do jogo com o outro.

Em contraste com o primeiro vídeo analisado, a segunda apresentação carrega como plano de fundo a canção “Rodo Cotidiano”, de *O Rappa*. Trata-se de uma música que se vincula intimamente com essa performance de MC Estudante, em especial pelo teor mais crítico com que desenvolve seu *freestyle*. À luz da metáfora “minhoca de metal” que, segundo a composição, é o “avião do trabalhador”, a música retrata, de forma quase que naturalista, as experiências da classe trabalhadora no Brasil, cujas dificuldades são conhecidas, mas não sanadas pelo Estado. É importante perceber que a escolha temática da música se torna vital para a construção de sentidos que MC Estudante procura imprimir em seu trabalho dentro do vagão. Nesse ensejo, MC Estudante canta no coletivo com um número maior de músicos e com o auxílio de um microfone. Por se tratar de um vídeo com a duração de 12min18seg, não se estabelecerá uma abordagem de toda a performance do rapper. Contudo, há de se verificar os fatores que destoam do segundo para o primeiro vídeo ou que apresentam convergências.

A integração com as pessoas dentro do vagão é a condição *sine qua non* para o rap revelar sua

capacidade improvisativa. Além dos passageiros, os vendedores ambulantes são inseridos no jogo instaurado pelo rapper que, por sua vez, cria rimas que confluem com os preços das mercadorias dos trabalhadores:

[...] Se tu tá com fome, então come um Cebolitos

Come Cebolitos na hora do almoço

Tá ligado que eu faço que nem o moço

que segue na pista, e segue legal

que vende o doce de amendoim a quanto?

Um real. (Vendedor)

Estruturalmente, nota-se uma estrofe organizada por meio de *enjambements* presentes nos quarto e quinto versos, nos quais o pronome relativo “que” introduz as sentenças que configuram a continuação dos versos que o antecedem. Nesse vídeo, o tempo forte da caixa do cajón é intensificado com a marcação do pandeiro meia-lua. As sílabas marcadas em vermelho e sublinhadas significam que o tempo forte dos instrumentos de percussão coincidem com a sílaba tônica do verso, enquanto as subtônicas estão inscritas com sublinhado simples. Além disso, MC Estudante se beneficia do conhecimento prévio do vendedor em torno de sua intenção comunicativa e constrói o quarto verso com a palavra “legal” para então receber a resposta referente ao valor da mercadoria comercializada, “um real”. Em outro momento do vídeo, tal interação se refaz com outro vendedor:

[...] Vem só, rapaziada

Quem tiver com fome, compra bananada

Essa promoção é a melhor do Rio

[___]Na moral, chega a dar arrepio

[___]E se tu perde, você fica bravo

[___]Quanto custa a bananada?

Cinquenta centavos. (Vendedor)

Nessa estrofe, há um andamento mais irregular considerando a quantidade de tempos fortes de percussão que recaem em “espaços vazios” nos versos. Isso se deve ao fato de MC Estudante prolongar a emissão das vogais sobre as palavras “Rio”, “arrepio” e “bravo”, ou seja, dentro do compasso, tendo a duração mais longa (dois tempos). Com base nas duas estrofes em referência aos trabalhadores informais, a dinâmica que se estabelece entre Estudante e os vendedores é

fundamental para a compreensão desse espaço social de simultaneidade, de reunião, de encontro em que os seus componentes aparentam se complementar.

A maquinaria da elaboração de Estudante é praticamente fixa se observarmos as estratégias por ele exercidas. Ele mantém uma aproximação descontraída por cerca de seis minutos corridos da performance quando o trem atravessa a estação “Vila Militar”. Após esse *insight* histórico, a apresentação do MC segue para uma conotação mais crítica:

[...]Deixa eu te falar
Acabamos de sair da Vila Militar
Mas, irmão, que loucura
quando eu me lembro da ditadura
Eu rimo com os fatos, eu rimo com o ato
que começou em 1964

A partir deste momento, então, Estudante não rima apenas para arrancar sorrisos do público que o assiste, mas também faz uso do *rap*, da cultura *hip-hop*, como instrumento para o pensamento crítico e para a transmissão do “quinto elemento” segundo Afrika Bambaataa, o conhecimento. A abordagem de MC Estudante aos passageiros no vídeo “Isso aqui tá te incomodando? Sim!” demonstra uma tendência particular em suas apresentações nos vagões da SuperVia. Como no primeiro vídeo investigado neste trabalho, o rapper engendra a aproximação com seu interlocutor através da brincadeira, do jogo, do lúdico. Pôde-se observar que, para conseguir a resposta positiva, ele pondera diversos indícios, como por exemplo, a responsividade do passageiro ante a sua interação. Por fim, isso resulta no “não” que é amadurecido a partir das construções lexicais, com o final **-ão**, prestadas pelo MC. No entanto, nem sempre as “regras” são plenamente atingidas durante as apresentações, tendo que acontecer uma intervenção sutil – como foi possível observar na atuação de Estudante com o passageiro que gesticulou, com as mãos, o “não” antes de vocalizá-lo propriamente. Por isso, nesta segunda *performance*, MC Estudante faz uma espécie de esclarecimento público de como “o jogo” funcionará:

Então, meu irmão
Presta atenção
Começou a questão
Represento até o fim
Na moral, sigo “tranquilin”
E agora é assim
Hoje é o “tá te incomodando?” Sim!

Imediatamente após a explicação do funcionamento da apresentação, ele se direciona a um passageiro que o fitava com atenção e aparentava estar “de acordo” com as normas:

E o guardinha correndo atrás de mim
Isso tá te incomodando?

Antes de mencionar a resposta do passageiro, é preciso pontuar um detalhe: se levarmos em consideração a popularidade que o vídeo “Isso aqui tá te incomodando? Não!” obteve, “não seguir as regras” desta segunda apresentação é uma consequência natural. Desse modo, quando o passageiro recebe a pergunta de MC Estudante, ainda que nela contivesse a estrutura sonora construída a partir de palavras que terminavam com **-in(m)**, o rapaz, na resposta, balançou a cabeça como se estivesse dizendo “não”, ou seja, rompendo esse “contrato” firmado entre o músico e os passageiros no trem. No vídeo, é possível ouvir que o “sim” foi gritado pelos músicos, de modo a não “quebrar” o ritmo, e nem o objetivo central dessa apresentação que consiste em uma crítica às autoridades e a diversos problemas sociais. A resposta contrária do passageiro, claramente involuntária, provocou o riso das demais pessoas, mas Estudante não permitiu que esse acidente interrompesse a dinâmica por ele instaurada:

[...]Na moral, dia a dia viajou
Não tem problema, não tem caô
Agora a gente pode repetir
E você vai entender que eu faço *free*[...]

Retomando as rédeas do seu improviso, o rapper repete o questionamento a outro homem com a mesma criticidade inserida na pergunta feita ao passageiro que o antecedeu:

[...]Mas eu sei que esse cara tem razão
e vai me responder essa questão:
E na favela acertando os “menozin”
Isso tá te incomodando?
(Passageiro e os músicos) Sim!

O segundo passageiro que interagiu com o MC respondeu à pergunta de forma tímida, encostado no suporte do trem, enquanto os músicos endossavam a réplica com intensidade e volume. Ao notar que a resposta dos passageiros quanto aos questionamentos desferidos não ocorria de maneira totalmente convincente, MC Estudante, empossado do microfone, à medida que tecia rimas com reflexões acerca da corrupção, do descaso do Estado referente a temas constitucionalmente

garantidos à população, como saúde, educação, conta com os músicos que entram em cena, vociferando a tônica final, “Sim”:

Ahn, e a corrupção sem fim
 Isso tá te incomodando?
Sim! (Músicos)
 [___]O guardinha correndo atrás de mim
 Isso tá te incomodando?
Sim! (Músicos)
 Ah,[___] meu amigo, como assim
Eles causaram o nosso fim
Inventaram obras, desviaram o “din-din”
 Isso tá te incomodando?
Sim! (Músicos)
 [...]
 E corrupção rolando, amigo, sem fim
 Isso aí tá te incomodando?
Sim! (Músicos)

Por meio do trecho acima, é possível perceber que, ao modificar a temática central da sua apresentação, que se notabilizou pela ludicidade e leveza que a compunha, para uma manifestação artística de viés predominantemente crítico, a participação dos passageiros não foi tão contundente quanto à do primeiro vídeo “Tá te incomodando? Não!”. Nesse sentido, ainda que não houvesse a resposta adequada dos passageiros, os músicos, assim como MC Estudante, intervêm de modo que o objetivo do vídeo fosse alcançado.

CONCLUSÃO

O presente trabalho iniciou por meio de um movimento de reflexão do rap como parte relevante da construção do pensamento crítico, sobretudo em função de sua origem voltada à luta contra um sistema racista. Nesse sentido, através dessa introdução ao gênero, foi possível pensar que ele extrapola conceitos generalistas e possui uma atuação fundamental tanto no fazer musical quanto na crítica social em diferentes espaços da cidade.

Posteriormente, foi realizada uma trilha sobre a trajetória de Estudante, destacando sua presença nas batalhas de rima que, conforme foi abordado, é um dos principais meios de divulgação dos rappers que procuram se estabelecer no rap e até lograr contratos, participações e

visibilidade e, no caso de MC Estudante, atuando por fora da indústria fonográfica. No bojo dessas rodas culturais organizadas na rua, foram analisadas duas participações de MC Estudante. Na primeira apresentação ele trabalha com a interdisciplinaridade, relacionando matemática e crise social, reforçando uma característica da elaboração de suas rimas, e, na segunda, uma descrição da final da Batalha do Conhecimento, de cuja edição foi o vencedor. Em ambas as performances, foi enfatizada a forma como Estudante elevava o quinto elemento do rap: o conhecimento.

A segunda parte deste trabalho investigou a atuação de MC Estudante nos trens da SuperVia por meio de uma análise comparativa de dois vídeos intitulados “Isso aqui tá te incomodando? Não!” e “Isso aqui tá te incomodando? Sim”. Aspectos relativos à interação do rapper com os passageiros, à distinção de intencionalidade contida em cada vídeo, à arquitetura da versificação no *freestyle*, ao mecanismo das tônicas da música e tônicas do verso, foram examinados de modo a compreender os pontos de aproximação e de distanciamento entre as duas performances. Dessa maneira, foi possível refletir que o jogo, a ludicidade, a brincadeira são fatores recorrentes nas apresentações, porém não são determinantes para uma compreensão integral dos interlocutores que demonstram estarem dentro das regras estabelecidas por Estudante. O rap, portanto, foi um mecanismo de mobilização social, utilizado como ferramenta que vai além do jogo e da brincadeira, mas que atua efetivamente como força motriz para o fomento à reflexão e ao conhecimento não sem certa dificuldade de registro do lúdico para o crítico.

Por fim, com base nos elementos analisados nesta pesquisa, levando em consideração o trabalho desenvolvido por MC Estudante nos vagões dos trens do Rio de Janeiro, o rap confirma o seu caráter catalisador e transformador, e MC Estudante, por meio de sua particular maneira de improvisar, legitima a sua arte, além de operar como porta-voz, como arauto nacional do “quinto elemento” do hip-hop: o conhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAST, Aldeia. MC ESTUDANTE - ALDEIA CAST #36. YouTube. 25 de novembro de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zELAmLMXbg&t=22s>>.

DINIZ, Augusto. “Fazia rima no trem para comer. Hoje não preciso mais, graças a Deus”. Carta Capital, 2022. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/cultura/fazia-rima-no-trem-para-comer-hoje-nao-preciso-mais-gracas-a-deus/>>.

ESTUDANTE, MC. Freestyle no vagão, tá te incomodando? Não (Parte 2). YouTube. 26 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Hzevhc4Wiy4>>.

ESTUDANTE, MC. Freestyle no Vagão, tá te incomodando? Sim. YouTube. 19 de dezembro de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JWNhOs8cAJ4>>.

TEPERMAN, Ricardo. Se liga no som: as transformações do rap no Brasil. 1ª edição, São Paulo: Claro Enigma, 2015.

SANTOS, Milton. Pensando o Espaço do Homem / Milton Santos. - 5 ed., 3.reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

WITT, Stephen. Como a música ficou grátis: o fim de uma indústria, a virada do século e o paciente zero a pirataria. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015